

RESUMO: Nas Ciências Sociais são discretos e numericamente pouco expressivos os trabalhos que exploram a relação entre velhice e religião ou religiosidade. A pouca atenção dada a esse tema por estas ciências estaria repondo um imaginário social de que “religião é coisa de velho”? Seriam os idosos tão “invisíveis” a ponto de encontrarem seus lócus nos interiores de templos, igreja, terreiros, sinagogas, entre outros, ou entre as quatro paredes dos cômodos que habitam? Muitas vezes as lacunas acadêmicas são preenchidas pela produção literária. Foi o que aconteceu na pesquisa realizada para este artigo. Nele encontramos farto material sobre a relação entre velhice e a religião na obra *Encontros de Vida*, de Zélia Goldfeld. A obra não se restringe à relação buscada; abrange várias dimensões da existência de trinta e quatro sujeitos. Mas a parte relativa a esta dimensão da vida é particularmente rica. Os depoimentos coletados pela autora foram objeto, neste trabalho, de análise e categorização. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, realizada junto a uma fonte secundária específica. Para o tratamento dos dados levantados foi utilizada, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de “leitura”, a técnica da Análise do Discurso.

Palavras-Chave: Velhice; Religião; Religiosidade; Sentido da Vida.

ABSTRACT: The social sciences are discrete and numerically little expressive works that explore the relationship between age and religion or religiosity. The little attention given to this issue by these sciences would be replacing a social imaginary that "religion is something old"? The elderly would be as "invisible" as to find their locus in the interiors of temples, church, religious communities, synagogues, among others, or within the four walls of the rooms they inhabit? Often the academic gaps are filled by writing. It happened in the survey conducted for this article. In it we find abundant material on the relationship between age and religion in the work *Life Encounters*, of Zelia Goldfeld. The work is not restricted to sought relationship; it covers various dimensions of existence of thirty-four subjects. But on this dimension of life is particularly rich. The testimonies collected by the author were the subject of this study, analysis and categorization. It is therefore a qualitative research, carried out with a specific secondary source. For the treatment of the data collected was used, with no claim to exhaust all possibilities of "reading" the technique of discourse analysis.

KEYWORDS: Old Age; religion; religiosity; Sense of life.

¹Doutora em Ciências Sociais (Antropologia), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, da PUC/SP. Líder do Grupo de Pesquisa “Contemporaneidade e Velhice: espaço urbano, identidade e memória”.

Religiosidade e Velhice Vera Lúcia Valsecchi de Almeida

“A religião, para mim, é essa consolação de que os homens precisam. Se não fosse assim, iriam ficar num canto chorando com medo de dar um passo. Nesse sentido, ela é uma das criações humanas fundamentais. Existem várias religiões muito parecidas umas com as outras. Elas são esses corpos de consolação da aflição humana, para se crer em Deus [...] Crer em Deus é uma coisa tão importante [...]”. (Darcy Ribeiro; antropólogo)

“Confúcio, 500 anos antes de Cristo, via a espiritualidade como própria da velhice. Para Confúcio, o homem de 30 anos deve estar envolvido com responsabilidades sociais e familiares. Aos 40 anos, ele deve ter adquirido a certeza da direção e do valor de seus empreendimentos e, não tem mais a dúvida que assalta os jovens no início da carreira e da vida familiar. Aos 50 anos, o indivíduo torna-se atento aos designios dos céus e assim transcende as preocupações materiais e individuais. Com 60 anos, ele aceita a vida como ela é, abandonando uma perspectiva restrita e pessoal e percebendo o grande plano divino. Aos 70 anos, ocorre uma total transcendência, os desejos dele e os do céu se unificam, não havendo separação entre suas ambições pessoais e os comandos divinos.” (Wei-Ming; apud. Néri; 2006; p.84)

Palavras Iniciais

A relação entre o homem e “realidades” situadas além da experiência sensível remonta a tempos imemoriais; tempos que remetem às origens da espécie. Se em DURKHEIM (2003), as categorias religiosas contribuíram para formar o pensamento humano, em MORIN (1979), lemos que entre as novidades trazidas pelo *Sapiens* uma das principais residiu exatamente na “espiritualidade”². Apesar de este autor não estabelecer uma relação direta entre “consciência” e “religiosidade” não podemos desprezar o fato de que a “espiritualidade”, pela relação que guarda com o aumento da capacidade craniana e, conseqüentemente, da complexidade cerebral, envolve a crença em forças e seres sobrenaturais que, distantes “*deste mundo*”, habitam o “*outro mundo*”.

Objeto das mais variadas atitudes – temor cerimonioso, familiaridade, adoração, contemplação, aproximação, pavor entre outras – a relação dos homens com o mundo do “*lado de lá*” é recorrente na produção acadêmica; produção que atesta a importância individual, social e cultural das disposições religiosas.

² Termo que este autor prefere substituir por “consciência”.

Sob a inspiração do Iluminismo a Sociedade Moderna caminhou ao lado da busca incessante de anulação das crenças, mitos e superstições³. Uma das consequências desta busca foi, segundo WEBER (2004), o “*desencantamento do mundo*”.

No entanto, e para desconforto dos que apostaram em um mundo desencantado, este modelo societário não abdicou do sagrado e, muito menos, dos veículos de interlocução com ele, a exemplo de deuses, santos e outras entidades. Sob as mais variadas formas estes mediadores da interlocução “*insistem*” em habitar não só as mentes individuais e o imaginário social.

À relação do homem com o sagrado – qualquer que seja – daremos o nome, certamente genérico, de “religiosidade”.

A “*religiosidade*” é aqui entendida quer como adesão a determinadas religiões estabelecidas (como de praticantes ou não), quer como crenças e práticas que, externas aos lócus físicos e institucionais, constituem elaborações ou “leituras” individuais do que se situa além da experiência sensível do homem.

O caráter amplo da concepção acima permite distinguir duas formas de religiosidade, assim definidas por Néri & Goldstein: a “*Religiosidade Intrínseca*” e a “*Religiosidade Extrínseca*” (1999). Enquanto a primeira diz respeito à internalização de uma determinada religião (incluindo a aceitação de seus princípios, rituais e dogmas) e à sua presença na vida diária, a segunda refere-se a uma relação mais esporádica e ocasional – com as religiões estabelecidas; relação que demonstra uma utilização mais instrumental da mesma, a exemplo dos apelos por autoproteção. Dessa forma, a religiosidade extrínseca revela “*um compromisso mais superficial com os valores religiosos*” (Néri & Goldstein; 2006; p.112).

Entre nós, a afirmação de que religião e religiosidade são “*coisas de velho*” é bastante comum. Esta afirmação repousa, em parte, no fato de a presença de idosos saltar aos olhos de todo aquele que incursiona nos espaços legitimamente consagrados ao sagrado, a exemplo de igrejas, templos, sinagogas, centros, terreiros etc.

³ A este título ver *A Dialética do Esclarecimento*; Adorno, T & Horkheimer, (ZAHAR, RJ. 1985)

Ainda que o ato de abraçar uma determinada crença religiosa independa de idade ou geração⁴, não há como desconsiderar o fato de que, comparados aos idosos, o tempo de jovens e adultos para a religiosidade – intrínseca ou extrínseca – é, na atualidade, significativamente menor que o dos idosos. Sob a égide da modernidade, jovens e adultos são expostos, cada vez mais, aos apelos secularizadores e a atividades especialmente distantes da religião.

Cabe salientar inicialmente que são poucas as pesquisas dedicadas à relação entre velhice e religiosidade nas Ciências Sociais; o levantamento bibliográfico realizado revela que é nas Ciências da Saúde que o tema encontra um lócus privilegiado de investigação, especialmente na Enfermagem, na Geriatria/Gerontologia e na Psicologia/Psicanálise.

Em uma sociedade na qual o lugar destinado à velhice é muito pouco confortável e que atribui a jovens e adultos o *status* de protagonistas principais e partícipes privilegiados do cerne da vida social, econômica e cultural, tudo leva a crer que os principais consumidores do “mercado” dos bens da salvação são os que acumulam longos anos de vida. Expropriados da condição de produtores e reprodutores e condenados a viver em espaços afastados das relações vivas de troca sociais e afetivas, não são poucos os idosos que encontram na religião e/ou na religiosidade tanto o calor do acolhimento, como o sentido de vidas socialmente dele privadas.

Como afirmam SANTANA, CUPERTINO e NERI,

A religiosidade serve como estratégia de enfrentamento, quando é necessário lidar com dificuldades que excedem as possibilidades de solução do indivíduo ou do seu grupo. Esta função é especialmente importante na velhice, quando os idosos se tornam mais vulneráveis aos efeitos de eventos adversos, entre eles as doenças crônicas, a dependência e a experiência de eventos de vida estressantes e incontroláveis. (2009:72)

Longe de esgotar a questão da relação entre religião/religiosidade e velhice, o que se segue é o resultado de uma investigação assistemática sobre o tema; investigação que teve por objetivo identificar o lugar da religião na vida de alguns idosos.

Os dados foram obtidos através de fonte secundária, ou seja, através de depoimentos de idosos colhidos pela escritora Goldfeld (1997). Estes

⁴ Cabe lembrar aqui as muitas denominações religiosas que vêm atraindo, cada vez mais, a atenção de jovens e adultos. Dentre estas salientamos o recente movimento criacionista, nos E.U.A, as religiões orientais e as novas denominações protestantes.

depoimentos foram objeto do procedimento batizado como “análise do discurso” (AD).

1. Velhice e Religiosidade em “*Encontros de Vida*”.

Afastada de qualquer motivação acadêmica, *Encontros de Vida*, de Goldfeld pode ser considerada uma obra exemplar. Com ela a autora procurou “simplesmente [...] *refletir sobre a Terceira Idade, com a consciência de seu crescimento e da participação cada vez maior do idoso na vida social, econômica, política e cultural*” (1997; p. 11).

Goldfeld define sua obra como o resultado do desejo de “*mobilizar todos os que se aposentaram da vida, por julgar que nada mais lhes resta fazer a não ser esperar a morte, atravessando uma velhice improdutiva, inútil e desnecessária*” (1997; p. 11).

Para realizar o desejo acima enunciado esta autora colheu depoimentos de idosos, alguns famosos (personalidades públicas), outros anônimos,

[...] para deles tirar o incentivo capaz de promover mudanças em todos aqueles que se sentem marginalizados por si mesmos ou pela sociedade: aposentados, desistentes e entregues a um ócio mortífero, depois de terem cumprido bravamente suas missões no mundo. (1997; p. 11).

Precedidos por breves apresentações de cada sujeito, os depoimentos colhidos pela autora relacionam-se a temas significativos do “viver”. São eles: família, filhos, afetividade, sexualidade, trabalho, amizade, religião, vida e morte. Apesar de nossas atenções centrarem-se no tema “religião”, a leitura dos depoimentos de cada “eu” no que tange à “vida” e à “morte” mostrou-se necessária. Isto porque a religião/religiosidade aprecia, não poucas vezes, quando se referiam à vida, especialmente à morte.

Goldfeld colheu trinta e quatro depoimentos de sujeitos distribuídos por sexo, idade, profissão e **religião**. Foram dezesseis homens e dezoito mulheres; quatro com idades entre sessenta e setenta anos; treze entre setenta e um e oitenta anos; doze entre oitenta e um e noventa anos e, finalmente, cinco entre noventa e um e cem anos.

As profissões declaradas foram as mais diversas. Os sujeitos da “escuta” minuciosa da escritora exerciam profissões ligadas a atividades culturais (música, cinema/TV/cinema, literatura, pintura, dança), às chamadas “profissões liberais” (advogado, médico), às lides acadêmicas (Paleontologia, Antropologia, Educação, Psicanálise), além de outras não passíveis de unir em categorias específicas (a exemplo de chapeleira, documentarista e doceira).

Dos trinta e quatro sujeitos oito declararam ser agnósticos; os demais (vinte e seis) mantinham vínculos – mais ou menos estreitos – com alguma denominação ou crença religiosa. Espíritas, católicos, judeus, outras doutrinas (assim relatadas) e um depoimento, bastante sugestivo, de “fé sem religião”.

O cruzamento entre religião declarada e vida familiar é claramente mencionado. Os que professam esta ou aquela fé revelam influências familiares nos pueris anos de infância e juventude. Assim, entre estes a religião encontra-se presente no histórico familiar. Outro dado importante é que os agnósticos são, basicamente, os homens. Por outro lado, independente da crença abraçada ou mesmo do agnosticismo, todos temem a morte. A finitude constitui, portanto, um fato (e tema) afastado do pensamento. ser percebida de acordo com a crença abraçada, todos a temem.

2. Com a Palavra os Entrevistados.

Apresentamos a seguir excertos de alguns dos depoimentos coletados:

- ✓ *Meu pai lia a Bíblia diariamente, tinha uma atitude espiritualista. [...] Viemos aqui para aprender, e quando Deus acha que já aprendemos ou que já não aprenderem mais, Ele nos chama [...]. (Mulher; 75 anos)*
- ✓ *Tenho religião por tradição familiar. Há várias gerações, toda a minha família é católica. Considero-a uma religião por tradição porque não sou praticante. Só vou à igreja para casamentos, batizados e missas de sétimo dia, mas acredito ser importante ter religião. (Homem; 83 anos)*
- ✓ *Nunca duvidei da religião e sempre tive uma admiração favorável à figura de Jesus Cristo. Uma religião inspirada no sacrifício sempre mereceu a minha admiração e o meu respeito. (Homem;. 100 anos)*
- ✓ *Tenho necessidade de religião, mas dentro de minha casa. Por exemplo, sou fã de São Francisco de Assis e sou fã de Deus. Adoro Nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo o que eu quero, peço a eles e resolvo. (Mulher; 74 anos)*
- ✓ *Sou muito religiosa! Sou. Desde menininha, no Rio Grande do Norte, ia à missa do padre Pedro. Eu ficava ali com **aquelas senhoras**, rezando e puxando a saia, ajoelhada, de vestido comprido para cobrir o sapato – não podia aparecer nada. (Mulher; 76 anos; grifos nossos)*

- ✓ *Fui muito católico no começo da vida. Minha mãe queria que um dos filhos fosse padre – éramos 13 irmãos. Fui mantendo a religião até o terceiro ano da faculdade de direito, depois me afastei, fiquei cético e não frequentei mais a igreja, mas sempre com um sentimento íntimo de alguma coisa sobrenatural. (Homem; 84anos)*
- ✓ *Sou uma mulher de fé, mas sem Igreja. Sinto mais falta da religião hoje do que sentia antes e por várias razões. Antes me lavava na beleza, na estética da liturgia. Hoje acho uma falta de respeito participar desta liturgia, que é a transformação para o concreto de umas abstrações que não creio mais. (Mulher; 70 anos)*
- ✓ *[..] seja qual for a religião, é muito importante. Não como dependência, coisa obsessiva, repressiva, mas sim como uma necessidade existencial. Algo que transcende e que não se explica. É a fé. (Mulher; 76 anos)*
- ✓ *Procurava, mas não achava o que queria. Encontrei a resposta no Deus bíblico, Jeová, o Deus trino, com Jesus e o Espírito Santo. Assim como fez com Jó, Deus me restituiu em dobro tudo aquilo que me fora tirado. (Heloisa Lustosa. 69 anos)*
- ✓ *Acredito em Deus, mas não vou à missa por obrigação. Entro numa igreja quando está vazia, para ficar sentada e conversar com Deus. Com a **idade, me agarrei muito a Deus**. (Mulher; 83 anos. Grifos nossos)*
- ✓ *A religião é um estado de espírito em que o homem se apoia, porque ele, em si mesmo, não se reencontra [...] É o sentido de igualdade, e é um sentido de bem-estar, de estar em paz consigo mesmo e com outras pessoas. Dizem que entusiasmar é ter Deus em si mesmo, eu não o perdi. Homem; (; 70 anos)*
- ✓ *Eu me sentiria um pouco vazio se por uma razão qualquer eu perdesse a fé. (Homem; 75 anos)*
- ✓ *Considero uma grande pobreza alguém não ter religião. A fé é um dom, uma graça, ou você a recebe ou não. Aguentar sozinho os golpes mais duros da vida é muito pesado. Infelizmente eu não tenho religião. (Mulher; 86 anos)*
- ✓ *Não tenho religião, mas Deus está dentro de mim. (Mulher; 82 anos)*

3. Análise de Conteúdo

A análise de discurso dedica-se à fala em contexto; ajuda a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto.

Segundo GILL (2002), o discurso consiste em todas as formas de fala e textos, que ocorrem tanto naturalmente, em conversações, quanto quando são apresentadas como material de entrevistas ou textos escritos, tendo importância central na construção da vida social. Rejeita-se a noção de que a linguagem é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, uma vez que é entremeada pelo contexto ideológico, sendo de grande importância a compreensão do processo sócio-histórico no qual as relações são estabelecidas.

Na Análise do Discurso uma ideia central é que o discurso está em constante construção, não se apresentando de maneira pronta; que a formação discursiva é constituída de concepções de mundo, crenças e valores morais que se manifestam em todas as esferas da vida, ou pelas posições assumidas dentro de um determinado contexto sócio-histórico que dão sentido às palavras. A relação do sujeito com a linguagem nunca é neutra. Pelo contrário, falar é tomar partido, é *identificar-se com* (ORLANDI, 2013).

A análise dos depoimentos permitiu a identificação das seguintes categorias:

A. Família/Tradição: como expressão da tradição, a religiosidade reflete

a adesão à religião em termos da adoção de crenças, ações, valores e princípios religiosos vigentes na família ou na sociedade, como parte do processo de socialização pelo qual passaram e como manifestação de adequação social. (SANTANA; CUPERTINO & NERI; 2009; 73)

Retiradas dos depoimentos dos sujeitos de Goldfeld, temos falas como *“Tenho religião por tradição familiar”, “Há várias gerações, toda a minha família é católica”, “Desde menininha, no Rio Grande do Norte, ia à missa do padre Pedro”*.

B. Bem-Estar e Satisfação: As interfaces entre religião, religiosidade, velhice, bem-estar e satisfação com a vida são especialmente exploradas por pesquisadores de enfermagem e da psicologia, enfim, em investigações da área da saúde.

Assim, de acordo com Ellison,

produz um padrão de interpretação para os eventos e experiências da vida capaz de amenizar seus efeitos negativos, proporcionando benefícios espirituais (consolo e orientação) e psicológicos (um senso de controle pessoal diante das situações problemáticas da vida). (apud CARDOSO & FERREIRA; 2009: 391)

Haveria, portanto, a seguinte equação: quanto maior a religiosidade, maior o bem-estar e a satisfação com a vida.

Entre os depoimentos aqui trabalhados temos: *“A religião [...] é um sentido de bem-estar, de estar em paz consigo mesmo e com outras pessoas”* e *“Deus me restituiu em dobro tudo aquilo que me fora tirado”, “A religião [...] é o sentido de igualdade”*.

C. Significado da Vida: nesta categoria a religião aparece quase como um alicerce da vida; algo que transcende e que fornece um sentido (significado) para a existência humana. Nos depoimentos colhidos por Goldfeld lemos: *“A noção de tempo está ligada a noção de Deus, a criação do Universo [...] Deve haver um maestro, um chefe de orquestra”, “Considero uma grande pobreza alguém não ter religião. A fé é um dom, uma graça, ou você a recebe ou não”, “A fé leva a pessoa à perseverança. Se perder a fé, perde-se a motivação para viver”, “[...] seja qual for a religião, é muito importante. [...] como uma necessidade existencial. Algo que transcende e que não se explica. É a fé”, “Deus está dentro de mim”.*

D. Enfrentamento: religião e religiosidade constituem, para muitos, recursos de enfrentamento, compreensão e aceitação das dificuldades da vida; contribui para encontrar apoio social, conforto, proteção e confiança, bem como facilitar a relação com situações difíceis da vida.

Como afirmam SANTANA; CUPERTINO & NERI,

A religiosidade serve como estratégia de enfrentamento, quando e necessário lidar com dificuldades que excedem as possibilidades de solução do indivíduo ou do seu grupo. Esta função é especialmente importante na velhice, quando os idosos se tornam mais vulneráveis aos efeitos de eventos adversos, entre eles as doenças crônicas, a dependência e a experiência de eventos de vida estressantes e incontroláveis. (2009:72)

A religião “protege a saúde”, “conforta nos momentos difíceis” “ajuda a resolver problemas”. Como afirmou um dos depoentes, *“A dor, às vezes, faz a gente se aproximar de Deus”;* outro afirmou *“A religião é uma coisa muito boa. Ela me trouxe paz e paciência. Deus é senhor de todas as coisas, sem ele não somos nada”.*

Algumas Conclusões Apressadas

Conferir sentido à vida, proteger, agradecer, promover satisfação e bem-estar, entre outros, constituem algumas das razões que levam homens e mulheres, jovens, adultos e idosos de diversas etnias, raças e condições sociais, a se relacionar com o que se situa além de realidades sensíveis, com o sobrenatural, ou seja, com o sagrado, em qualquer significado que este pode assumir. Nos depoimentos colhidos por GOLDFLD – mesmo entre os que se declararam agnósticos (“Graças a Deus”) – isso fica claro.

Uma dimensão da experiência religiosa muito presente entre os que se dedicam à investigação do fenômeno religioso, é contribuir para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos sociais, de relações de trocas sociais que se sobrepõem à heterogeneidade da condição humana, estimulando certa “igualdade”.

Esta dimensão não esteve presente entre os sujeitos que abriram aspectos importantes de suas vidas para a autora de Encontros de Vida.

Tratando-se de uma investigação que teve um caráter exploratório, fica a certeza da imperiosidade de novas “investidas” neste tema; imperiosidade amplamente justificada diante do aumento da expectativa de vida e dos anos lívidos na condição de “velhos” (longevidade).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, M. C. da S & FERREIRA, M. C. Envolvimento Religioso e Bem-Estar Subjetivo em Idosos. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, 2009, 29 (2), 380-393. Conselho Federal de Psicologia Brasília. Brasília. Dez/2009
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª Ed. São Paulo. Atlas. 1999.
- GOLDFELD, Z. **Encontros de Vida**. Rio de Janeiro; Afiliada, 1997.
- NERI, L.A. & GOLDSTEIN, L.L. "Tudo Bem, Graças a Deus. Religiosidade e Satisfação na Maturidade e na Velhice". In: **Qualidade de vida e idade madura**. NERI, L.A.(ORG.). Campinas; Papyrus, 6ª Edição. 2006
- ORLANDI, E. P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11ª ed. Campinas; Pontes Editores, 2013.
- WEBER, M. **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Companhia das Letras. São Paulo. 1ª Ed. 2014.